'GUERRA DOS SEXOS' NA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS JOGOS OLÍMPICOS: UMA TENSÃO INVENTADA

'SEX CONFLICTS' IN THE OLYMPIC GAMES' JOURNALISTIC COVER: AN INVENTED TENSION

Bruno Boschilia*
Sidmar dos Santos Meurer**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as manifestações discursivas da mídia jornalística impressa na cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas. Com base na perspectiva de “Análise de Discurso” da escola francesa, foi pesquisado o suplemento “Caderno Antenas 2004”, publicado pelo jornal Folha de S. Paulo durante a realização do evento. Foram evidenciadas, no material analisado, categorias e técnicas de gestão discursiva levadas a cabo pelo agente midiático, que tendem a promover bipolarizações. Através dos arranjos enunciativos é forjada uma tensão entre homens e mulheres que extravasa o espaço olímpico. O esforço analítico despendido localiza estratégias auto-afirmativas na produção discursiva, resultado de arranjos maleáveis que atuam no sentido de uma “discursividade estabilizada”.

Palavras-chave: Jogos olímpicos. Mídia impressa. Análise de discurso.

INTRODUÇÃO

O papel desempenhado pela mídia, assim como o fenômeno esportivo, ocupa atualmente um lugar de destaque na produção e circulação cultural de nossa sociedade. Muitos e significativos trabalhos vêm anunciando a fecundidade que revelada nas análises que se propõem a investigar as implicações estabelecidas a partir das relações entre esses campos.

Acreditando ter no trinômio esporte-mídia-cultura uma zona privilegiada para a compreensão da dinâmica social atualmente estabelecida, buscamos dar seqüência a uma lógica de estudos que tem procurado problematizar as interfaces dessas relações com base no empreendimento de categorias de análise como as relações de gênero.

Neste sentido, pretende-se destacar a influência da mídia jornalística impressa na cobertura de um evento esportivo de proporções globais, como é o caso dos jogos olímpicos. Para tanto, voltamos nosso foco de investigação, no presente trabalho, às produções discursivas

resultantes da cobertura do evento por um agente midiático de grande circulação, o jornal Folha de S. Paulo. Dentro desta publicação, selecionamos o Caderno Atenas 2004, caderno especial publicado durante o evento. Como método de análise, utilizaremos a “Análise de Discurso” (AD) da escola francesa, empregando as contribuições de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

AÇÃO MIDIÁTICA 1: A COBERTURA ESPORTIVA EM PAUTA

O esporte, além de ser um extraordinário veículo de afirmação e expressão de valores de uma sociedade baseada no modelo capitalista e nas relações de consumo, tornou-se um importante - se não fundamental - elemento de elevação de vendas e audiência das variadas formas de agentes midiáticos. A atual configuração do modelo esportivo não pode ser compreendida se dissociada da esfera midiática.

É notório que o esporte transformou-se num espetáculo a ser consumido por um número cada vez maior de espectadores e, principalmente, de

---

* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba/PR.

** Mestrando em Educação, UFPR, bolsista CNPq.

telespectadores. Os eventos esportivos e a estrutura esportiva em si são elaborados e moldados para que sejam encaixados na grade horária das televisões, buscando ampliar as suas possibilidades midiáticas.

Dessa forma, acreditamos ser possível estabelecer, a partir das relações entre esporte e mídia, um campo propício para a elucidação deste expressivo fenômeno: o esporte produto da sociedade. Para isso, são necessárias evidências materializadas que representem, de forma notória, a estreita relação entre esporte e mídia. Dentre algumas possibilidades, uma muito significativa se revela na mídia esportiva especializada, em especial através dos seus dizeres organizados em forma de discurso.

A cobertura jornalística aos jogos olímpicos é imensa, entretanto, muitas vezes o esporte em si não é capaz de gerar os resultados esperados. Torna-se, então, necessário transformá-lo num espetáculo a ser consumido. Dessa forma, concordamos com Bourdieu (1997), quando afirma que o espetáculo esportivo é produzido, de certa maneira, duas vezes: a primeira vez por todo um conjunto de agentes - atletas, treinadores, médicos, organizadores, juizes, cronometristas e encenadores de todo o cerimonial - que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; e a segunda vez, por todos aqueles que fazem a reprodução desse espetáculo em discursos.

Assim, fazem parte desse “segundo espetáculo” - ou espetacularizam o primeiro - as grandes redes de televisão, as emissoras de rádio, repórteres, cronistas, fotógrafos, e uma infinidade de profissionais indispensáveis ao trabalho de cobrir, divulgar e noticiar o grande “show”. É extraordinária a maneira como esses meios utilizam o esporte, em nosso caso, os jogos olímpicos, repercutindo em uma escala, por vezes, inimaginável. Atenas alcança o globo. Um pequeno lugar alarga-se na escala planetária e imiscui-se nos recantos mais distantes, onde haja uma antena, um rádio, uma televisão. Todos estamos em Atenas, ou melhor, Atenas está em nós, de muitos ângulos, em diversas perspectivas e inúmeras narrativas (BITTENCOURT, 2004).

O espaço destinado pelos meios de comunicação a esse tipo de evento é tamanho que, na mídia impressa, chega ao ponto de

extrapolar os limites dos cadernos esportivos, sendo elaboradas edições diárias especiais, publicadas durante toda a realização do evento. Dessa forma, este trabalho concentra esforços na análise de uma dessas publicações especiais: o Caderno Atenas 2004, publicado pelo jornal Folha de S. Paulo, entre os dias 11 e 31 de agosto 2004.

ACÇÃO MIDIÁTICA 2: ESTABELECEENDO DISCURSOS, INVENTANDO TENSÕES, PROMOVENDO ESPETÁCULO

Mulher que bateu marido perde medalha (título)

A Corte Arbitral do Esporte anulou o resultado do concurso Completo de Equitação **por equipe**, no qual a alemã Bettina Hoy derrotou o marido, Andrew Hoy, que buscava o tetracampeonato pela Austrália – o primeiro duelo olímpico entre um casal (MULHER..., 2004, p.6, grifo nosso).

A narrativa acima revela, de certa forma, sinteticamente, um extrato emblemático de todo o esforço despendido na elaboração deste trabalho. Nela, é possível a visualização de um expediente utilizado com recorrência pelo jornal na cobertura do evento olímpico que hora denominamos “guerra dos sexos”. Contudo, para a efetiva análise do material selecionado, a problematização do nosso *corpus* analítico prescindiu da estruturação de um aporte teórico-metodológico e de ferramentas que possibilitassem a identificação dos determinantes sociais que fundamentam e caracterizam esta maneira de expressão linguística. Neste sentido, optamos pela utilização da perspectiva de Análise do Discurso (AD) da tradição francesa, especificamente a partir das prerrogativas do francês Michel Pêcheux, que tem no Brasil as contribuições de Eni P. Orlandi.

Segundo Orlandi (2001a) a AD se caracteriza por

[...] problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de

produção de sentidos que estão funcionando. Compreender na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação.

Na perspectiva de AD, rejeita-se a idéia de qualquer forma de “utilização acidental dos sistemas lingüísticos” (BRANDÃO, 2004). Assim, conforme assinala Pêcheux (1990), a Análise de Discurso se coloca, precisamente, “com objetivo de explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Em lugar de um processo interpretativo que privilegie as superfícies lingüísticas, os aspectos semânticos do texto, procura-se pôr acento na materialidade que o constitui, nas suas estratégias de produção de sentidos, nas suas “condições de produção” (ORLANDI, 2003). A “finalidade do analista de discurso não é interpretar mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2001b).

Nessa direção, no fragmento discursivo selecionado, tendo no seu horizonte um escopo metodológico que visa a destacar a linguagem enunciativa como estratégia de interpelação, de construção de significados, torna-se interessante notar como a redação do jornal analisado se utiliza da estratégia de “guerra de sexos” como expediente para espetacularizar a notícia da anulação de um resultado. Neste caso, o que mais interessa ao narrador não é a decisão da “Corte”, muito menos a disputa entre as equipes da Alemanha e da Austrália; o que de fato está sendo enunciado pelo jornal – no sentido de construção de significados – é o episódio de Bettina ter derrotado um homem, sobretudo, de esse ser seu marido. O título da nota é denunciativo.

Caberá também ao analista a elaboração de um mecanismo analítico próprio, particularizado, de acordo com as questões que se propõe a compreender, pois, de acordo com Orlandi (2003), não se concebe um discurso estanque, atemporal, alheio às determinações históricas e culturais. Pelo contrário, ele é produto de uma historicidade determinada, de um contexto específico que lhe confere determinadas

significações. Para Brandão (2004), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos ‘probatórios da ‘existência material das ideologias’”. A partir disso, cômico do aspecto particularizado da sua análise, o analista lançará seus questionamentos ao objeto de estudo.

Objetivando respostas a questionamentos muito próprios a este estudo, lançamos sobre o *corpus* discursivo constituído um trabalho investigatório orientado no sentido de caracterizar traços ideológicos enunciativos e similitudes que se consolidam como marcos metodológicos e que irão desempenhar a função de norteadores durante a análise em questão.

Arqueira Alemã entra para a história ao buscar o ouro à beira do parto. (título)

A arqueira alemã Cornelia Pfohl, 33, entrou ontem para a história olímpica. Menos pela sua performance na sua fase preliminar do tiro com arco. Mais por ter participado dos jogos de Atenas grávida de sete meses e meio[...]

É emocionante poder participar de novo da Olimpíada e estar esperando uma criança”, afirma. Se tivesse que colocar os dois sentimentos em uma escala, disse que sua prioridade é o filho. (ARQUEIRA..., 2004).

No texto supra, do enviado especial do jornal a Atenas, percebe-se uma exploração sintomática da figura da mulher-mãe, em sobreposição, inclusive, à figura da mulher-atleta, a começar pelo grifo no título da matéria. A situação de gravidez da atleta é ressaltada ao ser inscrita num sentido diferenciado de atuação, na qual se relativizam os aspectos competitivos em favor de uma lógica de participação. Esta estratégia enunciativa corrobora a idéia de Knijnik e Souza (2003), a qual afirma que

a cobertura esportiva de atletas mulheres costumam focalizar os papéis que a mulher desempenha, como esposa, mãe, ou como modelo de feminilidade, não dando valor as suas conquistas no esporte. Portanto, ao invés de ser um mecanismo de

mudança, a mídia perpetua características ‘apropriadas’ de feminilidade.

O recorrente efeito simbólico de comparação entre os sexos, bem como a expressão pública de normas de feminilidade e masculinidade, no sentido de sugerir uma “subordinação das mulheres” (DUNNING; MAGUIRE, 1997), é verificável em outros momentos da cobertura dispensada pelo agente midiático ao evento olímpico, como se pode observar na reportagem de Mariana Lajolo:

Debutantes que desafiam homens
(título)

Elas são atletas olímpicas das quais você provavelmente nunca ouviu falar. E provavelmente não ouvirá mais. Seus desempenhos em Atenas serão pífios e devem acabar na estréia.

Mas hoje escrevem seus nomes na história dos jogos.

Elas vêm de países que em Sydney entraram na linha de tiro do COI e de ONGs por não levar mulheres ao jogos. Na maioria dos casos, por motivos religiosos.(...)

E ajudaram na quebra de recorde de mulheres em Olimpíadas. Na Grécia, elas são 40,6% dos atletas. Há quatro anos, foram 38%.(...)

“Sei que não tenho muitas chances de medalha, mas estar em Atenas já é ouro”, disse à Folha [uma velocista afegã].

O feito tem o mesmo sabor para outras mulçumanas que tentam entrar no esporte. Exige esforço. A religião impõe limitações (DEBUTANTES..., 2004).

Interessante notar nesta reportagem os contornos peculiares que são impressos ao texto. A repórter praticamente funde o que ela chama de “motivos religiosos”, ou outras vezes “regime mulçumano” ou ainda “Taliban”, à idéia de um ser masculinizado. O regime político e religioso ganha vida pelas mãos da repórter, e ganha vida na forma de um “ser homem”. Portanto, para conseguir a façanha de ir aos jogos olímpicos,

essas mulheres, vencedoras antes mesmo de competir, tiveram que derrotar e “desafiar” esses homens. Não interessam os resultados alcançados nas competições em Atenas, pois o principal já fora alcançado.

Recorrendo novamente a Orlandi (2003), depreendemos que o percurso do analista discursivo contempla também um trabalho de delimitação dos discursos, de recorte, pois não pode apontar para um ponto inicial, muito menos para um ponto final, ao falar de discurso. Assim, rejeita-se a idéia de um discurso que se fecha em torno de si.

O texto não pode assim ser visto como uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente) (ORLANDI, 2001b).

Não há discurso que não se relacione, não remeta a outros discursos; é dessas relações interdiscursivas que resultam os sentidos. Na sua materialidade enunciativa, obrigatoriamente, “um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2003). Conforme Brandão (2004), “em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do imaginário do outro, fundar estratégias de discurso”.

Feliz com nome, Chana desbrava a Europa. (título)

Acostumada com trocadilhos, goleira da seleção de handebol abre maior mercado do mundo para colegas.(...) (FELIZ..., 2004, p. 4).

No fragmento discursivo acima, retirado de um texto do repórter Alberto Leister Filho, o qual assume um aspecto de apresentação da seleção feminina de handebol que dentro de poucos dias estrearia nos Jogos Olímpicos de Atenas, o que chama a atenção é a forma como a reportagem se prende a uma determinada personagem: Chana, a

goleira, a primeira jogadora brasileira a ser titular em um time de ponta no campeonato espanhol de handebol feminino. Mais especificamente, a reportagem centra-se no exótico nome da atleta. A idéia de excitação e erotização está presente no decorrer de todo o texto, com trocadilhos e associações do nome da atleta à genitália feminina. O sugestivo título da matéria assim aponta.

A legenda de uma grande foto - que apresenta a goleira praticando uma defesa, de pernas abertas e olhos fechados, como se estivesse em um estado de êxtase, trazendo consigo também uma evocação à sexualidade - diz: "A goleira Chana, titular da seleção brasileira de handebol, lamenta o fato de ter que atuar nos Jogos Olímpicos de Atenas com o sobrenome Masson no uniforme".

No texto, o tom sarcástico, de associação do nome da atleta à idéia de sexualidade, é corrente. Por exemplo, em determinada passagem:

Vem cá Chaninha, diz a ponta Aline Pará, em tom de brincadeira, para sua companheira na seleção brasileira de handebol.

A goleira já perdeu as contas de quantas vezes fizeram trocadilhos infames com seu nome incomum (FELIZ..., 2004, p. 4).

O sujeito discursivo, locutor, ao produzir um dizer sobre a presença da mulher no esporte, o fará através da mediação, de um processo interpretativo sobre discursos que já foi estabelecido historicamente e se mantém em nível de anonimato. O locutor, durante o processo de formação discursiva, mesmo que de forma inconsciente, toma parte de inúmeros outros discursos, já estabelecidos, repletos de ideologias, tabus e predisposições, que se estabilizam durante a narrativa. Além disso, conforme Orlandi (2003), o discurso se faz por meio de um processo de mediação entre o locutor, "aquele que se apresenta como 'eu' no discurso", e o enunciador, que é "a perspectiva que esse 'eu' constrói". Isso, porque o processo de formação discursiva não segue uma linearidade na qual primeiro o locutor fala para posteriormente o enunciador tomar partido dos seus dizeres. O sujeito discursivo elabora o seu leitor imaginário,

e nesse momento já se põe em construção o discurso, pois esta imagem do seu enunciador construída pelo locutor regula a sua produção discursiva.

No material que logramos analisar, o arquétipo desse leitor imaginário é construído como um ser masculino. O enunciador partirá da premissa que a grande maioria do público consumidor do esporte, dos cadernos esportivos, é constituída essencialmente de homens. A partir disso, da elaboração do perfil do seu leitor, masculino, o locutor irá fazer um esforço de antecipação, de identificação do seu espectador imaginário, das suas perspectivas históricas, culturais e ideológicas. Nesse sentido, busca-se na enunciação dos arranjos discursivos o ajustamento às supostas expectativas desse seu leitor imaginário; estratégia discursiva que proporá um efeito comparativo entre a participação de homens e mulheres, sem, no entanto, esquecer de lhes propor locais diferentes de atuação: eles atrelados à imagem de robustez, de vigor, e elas, atreladas à imagem de encanto, à idéia de sedução.

Esse expediente pode ser observado com propriedade na matéria "Dito e Feitos" (DITOS..., 2004, p. 6), ao se reportar a uma série de atletas que poderiam "entrar para a história" caso confirmassem as possibilidades então vislumbradas de alcançar feitos inéditos dentro do evento olímpico. Destaque especial merece a jogadora de vôlei Ana Paula. A atleta poderia ser a primeira atleta nacional a conseguir medalha olímpica em modalidades esportivas diferentes: já possuía uma medalha no vôlei de quadra e cortejava a possibilidade de uma medalha no vôlei de areia.

Em uma rápida entrevista com a atleta, em formato 'ping-pong', algumas passagens são destacáveis: a pergunta do Jornal Folha de S. Paulo - "Qual a diferença da Ana Paula bronze em Atlanta para a caloura em Atenas?" E a resposta da atleta - "As gordurinhas a menos..." (DITOS..., 2004, p. 6).

Esse trecho da entrevista foi muito explorado pela redação do jornal. No alto da página é possível observar uma foto com foco fechado no 'bumbum' magrinho de Ana Paula. Além disso, a reportagem ainda traz uma grande foto de Ana, com a seguinte legenda: "Com mais calma e

menos gordurinha do que em Atenas-96, quando foi bronze, Ana Paula treina pelo ouro na areia do Complexo de Faliro”.

Esse tipo de estratégia também foi flagrante durante toda cobertura dispensada pelo jornal ao evento, e, provavelmente, não ficou restrito aos editores da Folha de S. Paulo. A própria colunista da “Folha” Bárbara Gancia, sempre irônica e irreverente, denunciava este tipo de tática em sua coluna de 22 de agosto de 2004. Escreve ela:

Quer ver outra coisa que já torrou os pacovas até mesmo do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), aquele que disse que a “paciência é amarga, mas seu fruto é doce”? O sem-número de fotos de bumbuns de atletas do sexo feminino publicadas nos cadernos de esportes. Foi preciso voltar ao berço da civilização para descobrir o bumbum? (MULHER..., 2004, p. 4).

Ainda explorando a entrevista de Ana Paula, outro trecho merece destaque:

Folha: Nesse período você também foi mãe. O que mudou na sua vida?

Ana Paula – Muda tudo, ter filho foi uma grande realização. É complicado viajar e deixar o Gabriel [3 anos], mas ele vai se acostumando... (MULHER..., 2004, p. 6).

Nesse ponto percebe-se a secundarização do apelo à idéia de sensualidade e beleza de Ana Paula, como se caracterizou a matéria até então, em favor da evocação da idéia de maternidade, da suavidade e meiguice na doce e atenciosa mãe. Sai de cena a deslumbrante e bela atleta olímpica Ana Paula, entra a mulher, a mãe.

Além de Ana Paula, outros atletas, homens e mulheres, têm seus nomes referidos na reportagem, principalmente na sua parte final; mas aí entra em cena mais uma vez a comparação, a “guerra de sexos” estabelecida durante toda a cobertura dos Jogos Olímpicos.

Na prancheta, dois homens também são candidatos a recordes em Atenas. Bernardinho e José Roberto Guimarães, dos times masculino e feminino de vôlei, podem ser os

primeiros técnicos a triunfarem com equipes de sexos diferentes. (...)

Mas é do lado feminino da equipe que está o lado grosso dos recordes. O mais inusitado está nas mãos de Ana Paula. Medalhista na quadra em 96, ela pode ser a primeira brasileira a subir no pódio em duas modalidades (DITO..., 2004, p. 6).

No caso da cobertura dispensada à participação da seleção feminina de futebol do Brasil, o esforço que tende a produzir os efeitos comparativos, fundamentado em uma lógica de bipolarização que intenta auto-afirmar as proposições narrativas, é emblemático:

Goleadora, equipe já é menos vazada que os times masculinos.

A seleção feminina do Brasil em Atenas já é melhor do que as de Atlanta e Sydney. Nos números, é melhor até que os times masculinos do país que disputaram Olimpíadas.

Começando pela defesa. Com dois gols sofridos em quatro jogos, o time de Renê Simões leva, em média, 0,5 gol por partida. A melhor média brasileira antes dessa foi a da zaga masculina de 1988, que revelou Taffarel, Jorginho e André Cruz, entre outros: 0,7 (quatro gols em seis jogos)...)

No Brasil, o time de Pretinha e cia. quebrou uma marca que durava 52 anos. Nos jogos de Helsinque, o time masculino foi quinto colocado com uma média de três gols por jogo (GOLEADORA..., 2004, p. 3).

Mesmo sem participar do torneio olímpico, os atletas masculinos – legítimos detentores de um saber culturalmente valorizado: a arte de jogar futebol – são convocados à baila a fim de suportar a campanha do selecionado feminino. As manifestações discursivas veiculadas pelo agente midiático investigado operam uma espécie de hierarquização de práticas, valores e condutas. “É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina” para representar o futebol brasileiro, pentacampeão mundial (cabe lembrar que os cinco títulos mundiais aludidos foram conquistados pela

seleção masculina de futebol, o usufruto dessa condição pelo selecionado feminino, toma forma de uma concessão masculina às mulheres), nos Jogos Olímpicos.

Além disso, outra estratégia discursiva se faz presente na reportagem: a recorrência aos números, que atuam no sentido de legitimar os enunciados. Respaldados pelos dados estatísticos, os arranjos enunciativos assumem características de uma "estrutura representável homogênea", ganham contornos de real, possibilitam uma leitura sem risco de falhas, "o controle sem risco de interpretação" (PECHÊUX, 1990).

Outro exemplo enfático do percurso das cifras na estabilização da retórica competitiva entre atletas homens e atletas mulheres pode ser verificado na reportagem do enviado especial da "Folha" a Atenas, Roberto Dias, por conta do encerramento das competições de natação nos Jogos Olímpicos.

Com Delaroli, mulheres batem os homens (título)

A mineira Flávia Delaroli classificou-se ontem para a final dos 50 m livre. O resultado garantiu à natação feminina brasileira desempenho superior ao da masculina em Atenas. As mulheres foram a três finais, e os homens, a duas.

É a primeira vez desde 1936 que elas superam eles em jogos.

Além de Delaroli, classificaram-se para as finais em Atenas a pernambucana Joanna Maranhão (que acabou em quinto lugar nos 400m medley) e o revezamento 4x200 m livre (sétima colocação).

O masculino registrou a ida de Thiago Pereira à final dos 200 m medley (quinto lugar) e de Gabriel Mangabeira à decisão dos 100 m borboleta (sexto posto).

"As mulheres fizeram nos últimos quatro anos o que não tinham feito nos últimos 50", disse Ricardo Moura, chefe da equipe brasileira de natação em Atenas.

Homens e mulheres têm realidades distintas na natação. No masculino, o

domínio americano nesta Olimpíada é absoluto: terminaram o dia de ontem com oito ouros, contra dois da Austrália. No feminino, porém, cada um chega ao último dia da natação com três ouros ganhos (COM DELAROLI..., 2004, p. 4).

A estratégia enunciativa lançada pelo repórter é clara: mais do que a competição contra os demais países que disputam os jogos, importa a disputa interna entre homens e mulheres. Dentro desse quadro, a atleta Flávia Delaroli ocupa um papel especial. Classificada pela reportagem como superpoderosa, ela é responsável pelo desempate da competição homens x mulheres, em favor das mulheres.

Outras particularidades puderam ser observadas nas edições diárias do jornal analisado que reforçam a nossa hipótese de "guerra dos sexos", como a que se vê na edição de 17 de agosto de 2004. Na capa do especial "Atenas 2004", no tradicional quadro de medalhas, as estatísticas apresentam o coeficiente da participação feminina nas conquistas de medalhas de cada país, ou seja, quanto das suas medalhas cada país conseguira através das suas mulheres-atletas.

Nesse percurso adotado pelo agente midiático, os arranjos estatísticos assumem papel importante. Eles irão trabalhar a fim de convalidar as construções discursivas. Trata-se do que Pêcheux denominou de "técnicas de gestão dos discursos". Os locutores, agentes discursivos, irão fazer trabalhar o fato, o acontecimento, as declarações. Trata-se de um meticoloso esforço de articulação desses novos acontecimentos às declarações e aos números; enfim, "de um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas)" que tendem a "prefigurar discursivamente o acontecimento" (PECHÊUX, 1990, p.20). O opaco mecanismo propulsor dos enunciados produzidos pela grande máquina midiática, a construção desses acontecimentos em eventos globais, ganha, apoiado no "veredicto das cifras, a evidência das tabelas", uma falsa impressão de transparência.

CONCLUSÕES

Procurou-se, na trajetória de desenvolvimento deste trabalho, tematizar a(s)

formas(s) com que a mídia se refere ao fenômeno da participação da mulher no esporte e as possíveis leituras que ela produz por meio das suas operações discursivas. Trata-se, pois, de uma incipiente e promissora problematização acerca dos elementos que estão imbricados com estas operações, acreditando ter nessas questões um espaço privilegiado para a compreensão das identidades sexuais, alocadas na sociedade contemporânea.

O esporte, nas interfaces que resultam das relações que estabelecem com diferentes agentes sociais, atua no sentido de manter uma dominação simbólica dos homens sobre as mulheres. Nesse estudo procurou-se tematizar essa disposição através dos arranjos enunciativos operados pelos diferentes agentes midiáticos que promovem um jogo discursivo que tende a subordinar as práticas esportivas femininas a um imaginário elitizante e erotizante, ideologicamente masculinizado.

Particularmente sobre o objeto contemplado por essa investigação – as manifestações discursivo-jornalísticas acerca da participação de atletas masculinos e de atletas femininos do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atenas – ele nos oferece importantes elementos, possibilidades, pistas consubstanciais para a compreensão gênero-esporte-sociedade. Para isso, no entanto, é imprescindível que o fenômeno não seja contemplado isoladamente, mas sim, enredado em

uma série de elementos determinantes nas configurações do esporte moderno e da sociedade atual, em particular, sob o tópico da cultura.

Retomando os indícios sugeridos pelo título do trabalho, podemos concluir que a “guerra de sexos”, muitas vezes sugerida pelo agente midiático, aparece como uma forma de tensão criada buscando, principalmente, evidenciar os resultados das atletas brasileiras e prender a atenção do leitor, o que acaba por criar uma competição que existe única e exclusivamente nas páginas do jornal.

Ao se lançar o olhar revelador da Análise de Discurso, expressivos indícios se depreendem quando são superadas as superficialidades aparentes da produção discursiva jornalística, evidenciando a intensa influência exercida pela mídia na instalação das novas demandas mercantilistas, no processo de espetacularização do esporte.

Devido à complexidade do fenômeno estudado, não se pretende adotar uma postura pretensiosa de esgotamento do assunto, entendendo-se que é fornecida na relação mídia-esporte-sociedade uma gama de temas e assuntos merecedores de novos estudos, com o intuito de compreender determinantes históricos constitutivos da nossa sociedade, explicitando suas influências na estruturação do esporte moderno.

‘SEX CONFLICTS’ IN THE OLYMPIC GAMES’ JOURNALISTIC COVER: AN INVENTED TENSION

ABSTRACT

The aim of this work was to analyze the discursive manifestation of journalistic printed media in the cover of the Athens Olympic Games. Based on the perspective of Speech Analysis of the French school, the articles published by Folha de São Paulo Newspaper during the event were chosen to be researched. It was observed, in the analyzed material, categories and techniques of discursive management raised by the media agent that tends to promote bipolarizations. Through the enunciated arrangement it is created a men-women tension that exceeds the Olympic space. The analytic effort locates auto-affirmation strategies in the discursive production, resulting in malleable arrangements that act in a way of a ‘stabilized speech’.

Key words: Olympic games. Impress media. Speech analysis.

REFERÊNCIAS

ARQUEIRA alemã entra para a história ao buscar o ouro à beira do parto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de ago. 2004. Caderno Atenas, p. 6.

BITTENCOURT, Fernando. Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas. In: CONGRESSO

SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2004, Criciúma. **Anais...** Criciúma: CBCE, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.

- COM DELAROLI, mulheres batem os homens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 de ago. 2004. Caderno Atenas, p. 4.
- DEBUTANTES que desafiam homens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de ago. 2004. Caderno Atenas, p. 8.
- DITO e feitos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 de ago. 2004. Caderno Atenas, p.6.
- DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 321–348, 1997.
- FELIZ com nome, Chana desbrava a Europa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 de ago. 2004. Caderno Atenas, p. 4.
- GOLEADORA, equipe já é menos vazada que os times masculinos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 de ago. 2004. Caderno Atenas, p. 3.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana S. Soares. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: [S.l.], 2003. Disponível em <www.intercom.org.br>. Acesso em: 04 de maio 2005.
- MULHER que bateu marido perde medalha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 de ago. 2004, Caderno Atenas, p. 6.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001a.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001b.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- Recebido em 29/03/07
Revisado em 30/05/07
Aceito em 18/06/07

Endereço para correspondência: Bruno Boschilia, Rua Celestino Júnior, 188, apto 07, CEP 80.510-100, Curitiba-PR.
E-mail: boschilia@ufpr.br